

ESCOLA DE ATIVISMO

PISTAS

PARA PROCESSOS
DE APRENDIZAGEM
“EM LINHA”



PISTAS PARA PROCESSOS DE APRENDIZAGEM “EM LINHA”

Mesmo antes da pandemia, muitas já proclamavam que nada seria como antes: os conglomerados de tecnologia, a vigilância praticada por Estados e corporações e a expansão da nossa vida no universo digital já vinham redesenhando a presença humana no mundo.

Anos atrás, essas questões que, juntas ou separadas, pareciam “mudar tudo” nos provocaram a começar a realizar processos de aprendizagem em *cuidados digitais* – entre pesquisas e experimentações, entre ativismos e descobertas, consideramos o termo e o conceito da palavra “cuidado” mais interessante que “segurança da informação” que carrega em si o peso de terminologias militarizadas. Além disso os cuidados digitais buscam de fato ampliar a relação das pessoas com as ferramentas, com os conceitos técnicos, com os modos de vida neste universo, primando pela cultura do software livre, da liberdade e neutralidade da Internet e o hackeamento como prática inventiva. Com isso, passamos a conhecer um tanto de ferramentas alternativas para computadores, celulares e, ao mesmo tempo, reafirmamos nosso compromisso com os corpos, com a experiência e com a presença.

Mas nenhuma mudança na relação entre seres humanos e tecnologia poderia nos preparar para o que vivemos hoje. Ao menos por hora, um *vírus* faz que as relações obrigatoriamente precisem ser mediadas por *dispositivos*.

Novos problemas abrem novas possibilidades. Existe, sim, um ou vários modos outros de realizar atividades, encontros e oficinas, utilizando os computadores e celulares

como aliados. Nós inventamos a tecnologia: reinventaremos os modos de usá-la. (Re)conheceremos as ferramentas, seus limites, seus vieses e sua capacidade de reunir pessoas, ampliar os conhecimentos e gerar mobilização a favor das comunidades que lutam por mais vida. Nós inventamos a tecnologia: nós a politizaremos!

A utilização das tecnologias passa também pela produção de uma linguagem própria que marque a singularidade dos processos educacionais. É uma afirmação política porque as ferramentas e as tecnologias não aparecem sozinhas, carregam consigo uma quantidade enorme de termos, conceitos e linguagens que afirmam uma certa hegemonia. Tomar as ferramentas em nossas mãos passa também por utilizar termos que possamos compreender. Queremos descolonizar, tropicalizar, tupiniquinizar, aquilombar estes termos e seus conceitos.

As linhas abaixo são, como diz o título, as “pistas” que têm nos ajudado a descobrir de que formas, nesse momento, a tecnologia pode ser usada por nós, ao invés de sermos usadas por ela. Como uma linha de pipa, nenhuma ferramenta poderá funcionar sozinha. As pipas nos encantam com suas cores, leveza e engenhosidade, mas só ganham vida quando nós estamos lá, linha em punho, apertando ou afrouxando. Com a educação *em linha* não é muito diferente: as ferramentas ganham vida e potência quando nós as tomamos em nossas mãos.

Os ventos mudam constantemente de direção, mas empinar pipas sempre é possível! 

ANTES DO ENCONTRO: ANÁLISE DOS VENTOS



Como está sua conexão com o grupo com quem você irá trabalhar? Conversas introdutórias, baseadas na escuta dedicada e atenta, podem criar um vínculo genuíno antes do encontro acontecer. A confiança é fundamental para todo e qualquer processo educacional!



Entender o local em que as pessoas estão é uma forma de antecipar as limitações de algumas atividades e também estabelecer uma relação pessoal com o espaço. De onde elas trabalham? Como é este lugar? Possui plantas? Livros? Crianças? Bichos de estimação? Estamos entrando nas casas das pessoas, adentrando espaços íntimos, então compreender quem virá ao encontro e de onde virá pode trazer elementos interessantes para as atividades.



Quem estará ao seu lado na condução da atividade? Ter uma dupla ou trio traz uma diversidade de olhares para o processo do grupo e permite que você tenha apoio nas questões técnicas e na atenção às necessidades singulares das participantes.



As necessidades são uma importante linha condutora de um processo educacional. O que as pessoas já conhecem, o que elas não sabem, e, principalmente, o que elas gostariam de aprender? Você pode descobrir isso de várias maneiras: enviando perguntas via áudio ou texto; criando formulários (busque ferramentas seguras, que tratem adequadamente os dados divulgados pelas pessoas); ou realizando conversas individuais.



Quantas pessoas estarão presentes na atividade? Isso vai indicar a plataforma mais adequada e orientar a construção da proposta. Um encontro com cinco pessoas permite que todas falem e participem mais ativamente. Já em um encontro com 100 pessoas, é provável que a participação seja via chat ou em grupos menores e você precisará de apoio!





Resolver a parte técnica com antecedência ajuda a tornar o encontro mais leve para quem realiza e para quem participa. É bom informar de forma antecipada em que plataforma será realizado o encontro, pedir que as pessoas testem o uso e fazer um “plantão” para tirar dúvidas das pessoas que não estão familiarizadas com a ferramenta. As máquinas não são mágicas e nem sempre funcionam de acordo com as nossas expectativas. No seu grupo, qual a intimidade das pessoas com os equipamentos e como elas compreendem as limitações da tecnologia?



Como será o registro do processo? Você pode utilizar a funcionalidade de gravação de áudio ou vídeo da plataforma, ou mesmo ter mais alguém que lhe ajude a registrar o que acontece. Isso será útil para organizar as próximas sessões, incluir quem precisou faltar e partilhar a produção após as atividades. Mas não é só você que pode registrar! Que tal incentivar que o grupo faça registro próprio, abrindo espaços para que as participantes façam rabiscos em uma plataforma compartilhada, enviem vídeos ou textos com suas impressões ou façam resumos do que as marcou? Isso faz ecoar as diferentes vozes que viveram um processo.



Qual a sua familiaridade com a ferramenta ou plataforma com a qual vocês irão trabalhar? (Recomendamos o Jitsi Meet ou BigBlueButton em um servidor confiável). Aprender a manejá-la com antecedência vai aumentar sua confiança e tranquilidade no processo, mas não dispense a experiência de aprender-fazendo no encontro, com suas descobertas e invenções.



Além das ferramentas de comunicação, você pode utilizar plataformas complementares para dar suporte à experiência de aprendizagem e interação: espaços para guardar documentos e registros (kolibri, nextcloud), ferramentas para criação de vídeos (nos celulares você já encontra uma boa gama de recursos), murais de desenho coletivo, enquetes, figurinhas, zines, nuvens de palavras e tantas outras.



Qual a origem e a história da ferramenta utilizada? De onde ela vem? Quem a criou? Quem a gerencia? Onde ela é mais utilizada? Quais são seus termos de privacidade? Informações como essa ajudam a *politizar* as tecnologias. Cabe a nós, educadoras e educadores, apresentar esta perspectiva e ressaltar sua relevância para o processo educacional.



Quando preparamos uma atividade, estamos fazendo uma projeção de como as coisas irão acontecer. Mas nem tudo ocorre como planejado ou esperado. Qual o seu plano alternativo se a ferramenta falhar, se as pessoas não conseguirem usá-la, se ocorrerem atrasos? Manter um plano B por perto ajudará você a não perder a tranquilidade e o foco quando o inesperado acontecer.



Do que você precisa para estar presente, disposta e disponível? Pense no que você gostaria de ter por perto durante o encontro: água, caderno, um objeto que te dê força e inspiração... E avalie quais ações podem fortalecer sua presença, sem interrupções: por exemplo, fechar janelas abertas do computador, desligar as notificações de aplicativos de conversas, avisar pessoas próximas que você estará concentrada em uma atividade.



Prepare um roteiro básico para as atividades. Dependendo das necessidades, condições e objetivos do encontro, o roteiro terá que ser mais ou menos detalhado. Mas, no geral, haverá três tempos: a abertura – dinâmicas de aquecimento, socialização, apresentação; desenvolvimento – o espaço com o conteúdo principal da atividade; e a finalização – falas que sintetizem a experiência do grupo, avaliações do dia, explicação dos próximos passos e pactuação de atividades pós encontro.

DURANTE O ENCONTRO: PIPA AO ALTO



Esta é uma recomendação muito especial - crie um clima para o encontro. Que tal enviar com antecedência um texto ou um vídeo curto, ou mesmo escrever algo a partir de uma boa pergunta? Isso pode dar um efeito interessante, despertando a curiosidade do grupo e fazendo desde já uma preparação, um “aquecimento”! Veremos mais sobre isso nas próximas pistas.



A realização da “checagem”, quando pede-se que as pessoas contem como estão chegando ao encontro, é uma prática realizada por muitos grupos em encontros presenciais. Neste momento, as pessoas revelam como está o seu dia, como está se sentindo para o encontro etc. Nesta situação de pandemia e de muitos encontros virtuais, ela tem sido bastante utilizada, pois são muitos dias de distanciamento uns dos outros, e com riscos evidentes. Dependendo da quantidade de reuniões que as pessoas estejam fazendo, elas fazem muitas checagens ao longo do dia e o propósito dela acaba se desvirtuando. Ao invés de desejarmos compartilhar como estamos, acabamos dizendo qualquer coisa e nem prestando muita atenção ao que as outras pessoas dizem. Por isso, é interessante realizar atividades de “aquecimento” onde as pessoas contem um pouco de si, uma mania, uma história da infância, um aprendizado, compartilhem uma receita, algo relacionado ao tema do encontro que possa depois ser resgatado durante as atividades.



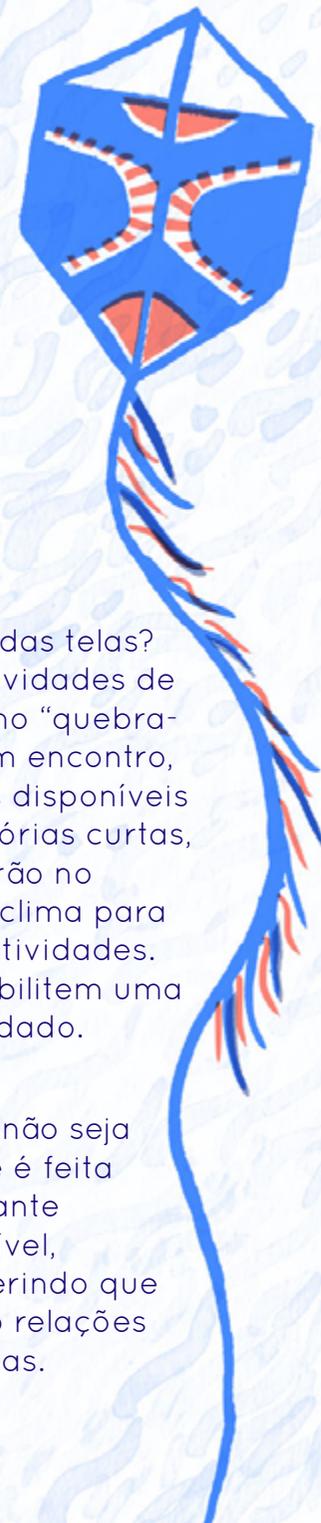
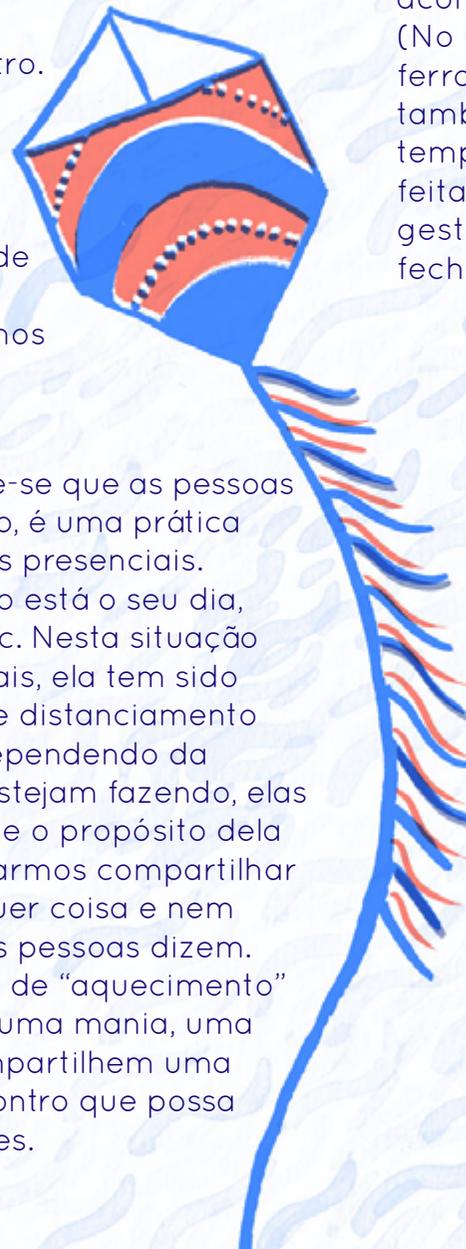
Apresente o roteiro de atividades previstas. Se possível, compartilhe, deixe exposto para o grupo o que vai acontecer e busque validar o processo (No BigBlueButton você encontra uma ferramenta muito boa para isso). Realize também um acordo coletivo sobre o tempo, sobre as falas, sobre como serão feitas as perguntas, interrupções, sobre gestos, sobre as câmeras abertas ou fechadas e registre.



Aquecer o corpo, os sentidos diante das telas? As atividades de aquecimento ou atividades de integração, também conhecidas como “quebragelo” são fundamentais para um bom encontro, mesmo que virtual! Com os recursos disponíveis você poderá utilizar áudios com histórias curtas, músicas, vídeos ou clipes que ajudarão no processo de construção de um bom clima para o Encontro e para a realização das atividades. Busque na arte elementos que possibilitem uma abertura para o tema que será abordado.



Aqui estamos propondo que o encontro não seja no estilo palestra. Este tipo de atividade é feita com as pessoas, certo? Então é interessante interagir com o grupo sempre que possível, chamando as pessoas pelo nome e sugerindo que elas chamem as outras pessoas, criando relações entre as falas e conexões entre as pessoas.





Existem plataformas (como o BigBlueButton) em que você pode dividir o grupo em grupos menores, são as “salas”. Esta também é uma boa opção para que o grupo se conheça e crie afinidades.



Disponibilize materiais, recorra a vídeos, áudios e sites que apoiem o processo! Quando você explica o caminho para encontrar algo que está fora da sala onde está acontecendo o encontro virtual, é como se as pessoas realizassem uma tarefa fora da sala de aula. Ela vai até lá, respira, pensa outras coisas e retorna, no meio do caminho poderá descobrir outras coisas e energizar o Encontro.



É comum que algumas pessoas sintam alguma dificuldade com a parte técnica durante as atividades, então acione a sua dupla de trabalho para realizar este atendimento paralelamente. O chat pode ser um bom canal para colocar dúvidas e outras necessidades, uma atenção a este espaço é bem importante!



Apesar de termos muitas atividades focadas na visão nos processos “em linha”, temos percebido a importância de criar atividades que envolvam outros sentidos, criando estímulos para que as pessoas experimentem algo com o corpo, com a audição, com as mãos fora do teclado e das telas, produzindo uma relação outra com o encontro e com o conteúdo. Que tal cantar juntos uma canção? Esculpir algo com argila? Partilhar a feitura de uma receita de pão?



A diversificação de ferramentas é algo que pode impulsionar os aprendizados. Procure inseri-las nas atividades, dando dicas sobre o funcionamento e explicando a origem dela, mas é preciso cuidado, pois a quantidade de ferramentas, aplicativos e softwares também pode causar stress. Avaliar quando e como introduzir elementos novos na atividade é super importante!



E quem aqui se lembra da hora do recreio na escola? Sim, reservar um tempo de intervalo entre as atividades é super importante. Uma pausa para fechar a câmera, o aplicativo, caminhar pela casa, tomar um café e espreguiçar-se, “no intervalo é hora de ser gente” diria um querido professor.





Conversar sobre cuidados digitais relacionados ao uso das ferramentas é sempre importante, sobretudo neste momento em que estamos diante de um processo ativo de vigilância. Muitas vezes, acreditamos que todas as ferramentas são iguais, e na verdade existem muitos mundos no espaço tecnológico. Reserve um tempo para problematizar questões político-econômicas que envolvem a aquisição e compartilhamento das ferramentas. Busque informações complementares sobre sistemas de código aberto e fechado e a diferença entre ambas. E crie uma linha de recomendações. As pessoas precisam saber porque você escolhe uma e não outra, qual o histórico para a escolha, enfim: são diversos fatores que podem contribuir para que mais e mais pessoas descubram o potencial das ferramentas à serviço das pessoas, e não o contrário.



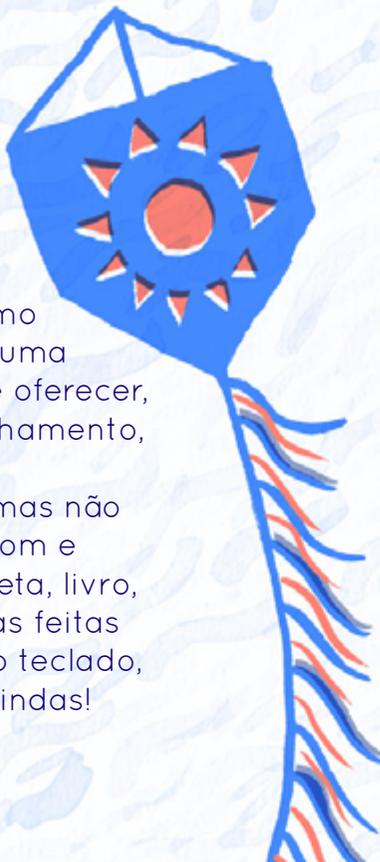
Utilizar ao máximo os recursos que uma plataforma pode oferecer, como: compartilhamento, relatoria, chats, apresentações, mas não se esqueça do bom e velho papel, caneta, livro, caderno. Partilhas feitas em folha, fora do teclado, são super bem vindas!



Existem muitas maneiras de finalizar uma atividade. Uma delas é justamente a de que o processo nunca finalize de fato! Apresentar links, textos, vídeos onde as pesquisas possam continuar, se estiver ou não nos seus planos encontrar o grupo novamente, ajuda a manter o assunto vivo. Se o próximo encontro estiver marcado, faça combinados com tarefas, estudos entre um encontro e outro, não se trata aqui de realizar uma obrigação, mas de oferecer materiais de interesse do grupo. A não presença física é um problema também para a memória da aprendizagem, acostumada a implicar todo o corpo na empreitada de aprender. Você também pode escolher finalizar com um momento avaliativo e diversificar a forma.



Quando estamos trabalhando em ambientes de internet há um conjunto de palavras que nos habituamos a ouvir. Uma dessas palavras é ciberespaço. O ciberespaço é uma das dimensões da conexão entre o corpo orgânico humano e o corpo maquínico dos computadores e outros dispositivos. Mas há uma outra dimensão nesta conexão de organismo e de máquina: cibertempo. O filósofo italiano Franco Berardi (Bifo) nos diz que o cibertempo diz respeito a dimensão orgânica, do corpo mesmo do humano, que funciona numa velocidade distinta da máquina. Enquanto o ciberespaço pode se expandir ao infinito, o cibertempo tem limitações, não podendo funcionar a todo momento e nem da mesma forma acelerada que as máquinas. Até podemos insistir em aumentar o tempo em que ficamos em frente a tela do computador, mas os efeitos disso não são muito potentes: temos experiências menos significativas, as nossas interações com os outros humanos vão perdendo sentido e até mesmo nossa atenção perde potência. Para saber mais sobre isso, consulte A fábrica da infelicidade, de Franco Berardi.



PIPA LANÇADA AO MUNDO

PÓS ENCONTRO:



Nós acreditamos nas relações que não se acabam! Incentivamos que após o encontro as relações se mantenham de alguma forma. Vocês podem ter uma plataforma comum ou email (sugerimos email Riseup), criar um grupo de conversas em algum aplicativo (sugerimos o Signal, ele possui recursos como todos os outros, de código aberto e seguro) para manter viva a temática durante o período que o grupo estiver trabalhando junto, mas também após, para outros encontros ou atividades conjuntas. Tudo isso vai depender da disponibilidade de vocês!

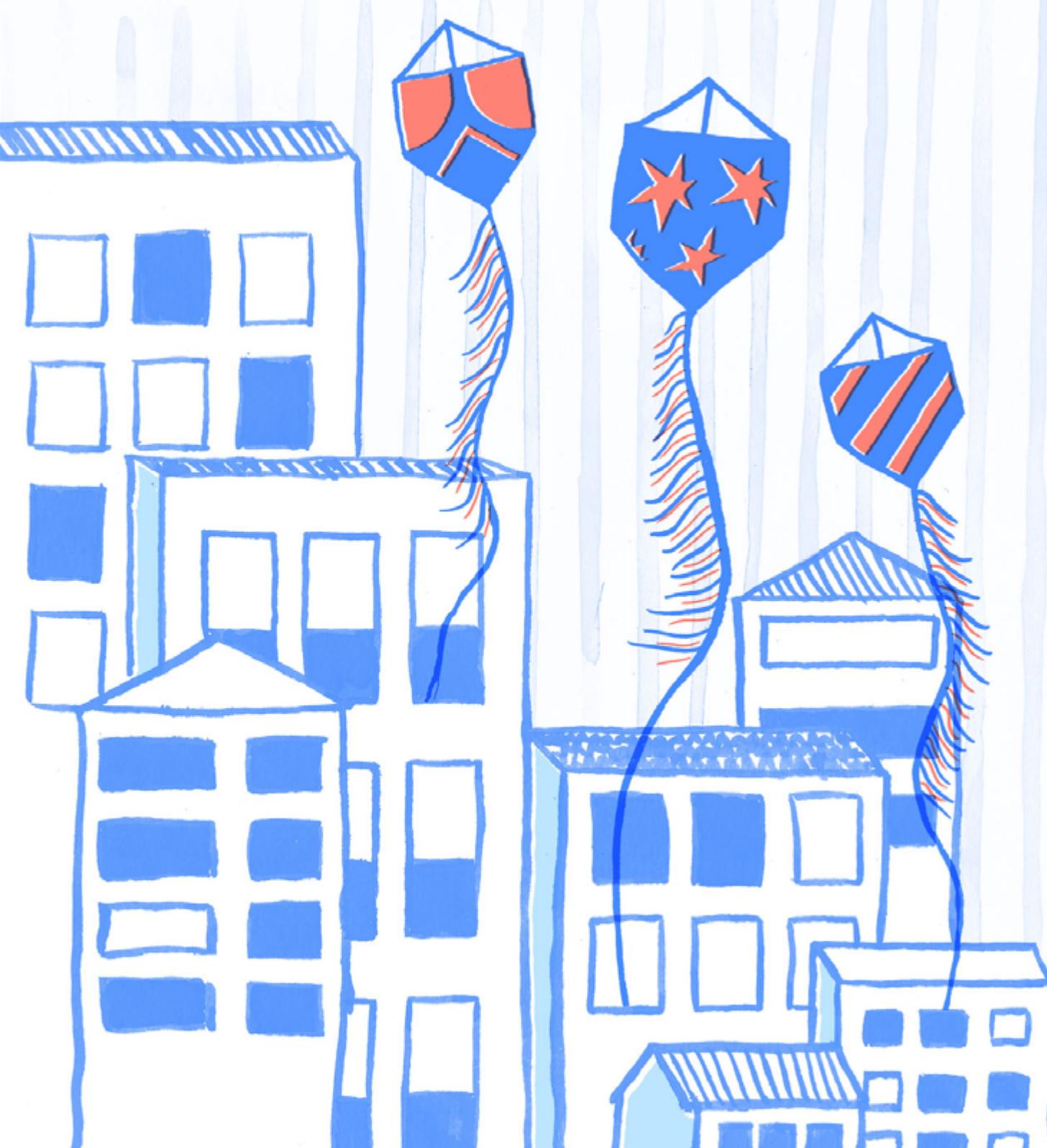


O que acha de fazer registros pessoais dos encontros “em linha” como se fossem diários de bordo? Nós estamos vivendo um tempo muito diferente, nunca antes vivido, podemos passar por este tempo e esquecê-lo simplesmente, ou podemos recolher o máximo de aprendizados, experiências e assim criar outras práticas! Registros são fundamentais para a realização de processos educacionais. Quanto mais encontros você fizer, e quanto mais você conseguir extrair percepções e aprendizados deles melhor serão os encontros!



Ter um espaço para sanar possíveis dúvidas, enviar perguntas, e compartilhar materiais - desafios, jogos e vídeos sempre são bem vindos como atividades além de guias, textos e cartilhas que possam subsidiar o grupo quando os encontros findarem.





Por fim, lembre-se: é interessante ter um planejamento, um roteiro básico, buscar pistas como estas para a realização de atividades, encontros em linha ou presenciais. Mas eles só serão interessantes se estiverem abertos o suficiente para se transformar à medida que o grupo e você necessitar. Lembre-se que a pipa se orienta com o vento, a armação das varetas são a base para que ela se mantenha no ar. Os ventos balizam os movimentos, e movimentar-se, riscar o céu é o desejo da pipa!

Arrisque-se e acredite sempre na potência do encontro!

ESCOLA DE ATIVISMO